

**Faça seus próprios
livros**

**Autonomia
feminista**

**Faça seus próprios
livros**

**Autonomia
feminista**

RADICALESBIANS

**A MULHER
QUE SE
IDENTIFICA
COM A
MULHER**

HERETIKA EDIÇÕES LÉSBICAS INDEPENDENTES

RADICALESBIANS

**A MULHER
QUE SE
IDENTIFICA
COM A
MULHER**

HERETIKA EDIÇÕES LÉSBICAS INDEPENDENTES



Copyright Ellen Shumsky

*Reunião da grapa Radical Lesbians, 1970.
Fotografia por Ellen Shumsky.
Fonte: www.outhistory.org*

**Fotocopie, disfunda,
circule**

**Propriedade
intelectual também é um roubo**

ANTICOPYRIGHT-ANTICOMERCIAL

**Fotocopie, disfunda,
circule**

**Propriedade
intelectual também é um roubo**

ANTICOPYRIGHT-ANTICOMERCIAL

HERETIKA



EDITORA LESBICA INDEPENDENTE

Editorial sapatão radical, autnomo, autogerido e resistente. isseminando pensamento lésbico-feminista, separatista, antirracista, anticapitalista, anarca e ecofeminista. Apostando na difusão de pensamento lésbico rebelde, disponibilizamos traduções e escritos originais desde autoras clássicas s novas pensadoras e escritoras em busca de um espaço de auto-publicação coletiva e independente. elo resgate de nossa história, palavras, pensamentos, literatura, simbólico e memória Uma iniciativa sororária pelo fortalecimento de comunidades e redes lésbicas radicais, autnomas e anticapitalistas.

heretika@riseup.net

<https://heresialesbica.noblogs.org>

HERETIKA



EDITORA LESBICA INDEPENDENTE

Editorial sapatão radical, autônomo, autogerido e resistente. Disseminando pensamento lésbico-feminista, separatista, antirracista, anticapitalista, anarca e ecofeminista. Apostando na difusão de pensamento lésbico rebelde, disponibilizamos traduções e escritos originais desde autoras clássicas às novas pensadoras e escritoras em busca de um espaço de auto-publicação coletiva e independente. Pelo resgate de nossa história, palavras, pensamentos, literatura, simbólico e memória! Uma iniciativa sororária pelo fortalecimento de comunidades e redes lésbicas radicais, autônomas e anticapitalistas.

heretika@riseup.net

<https://heresialesbica.noblogs.org>

Este texto é a tradução de um manifesto escrito pelo movimento lésbico dos anos 70 nos Estados Unidos, lido e distribuído em um congresso do movimento de mulheres em Nova York. A Mulher que se identifica com a Mulher de RADICALESBIANS (algo como “RADICALÉSBICAS”) representa o marco histórico da ruptura do movimento lésbico com o movimento feminista, assim como a inauguração de sua autonomia teórica e política no contexto dos feminismos ocidentais. Defendendo o lesbianismo como uma expressão radical e vanguarda do feminismo, foi escrito originalmente para denunciar a segregação e invisibilização que as lésbicas sofriam no movimento de mulheres, no qual sempre estiveram presentes e trabalhando, mas no qual até então não vinham sendo contempladas. O grupo autor do libelo se auto-titulava The Lavender Menace (A Ameaça Violeta), em referência a uma frase da feminista Betty Friedan então presidente da National Organization for Women (Organização Nacional de Mulheres, conhecido pela sigla NOW), onde nomeou às lésbicas como uma ameaça ao movimento de mulheres. As lésbicas, não sendo convidadas ao congresso da NOW, o invadiram e difundiram o manifesto que convoca o movimento de mulheres a pensar, discutir e considerar as questões das lésbicas, e às lésbicas a formar um movimento independente.

Este texto é a tradução de um manifesto escrito pelo movimento lésbico dos anos 70 nos Estados Unidos, lido e distribuído em um congresso do movimento de mulheres em Nova York. A Mulher que se identifica com a Mulher de RADICALESBIANS (algo como “RADICALÉSBICAS”) representa o marco histórico da ruptura do movimento lésbico com o movimento feminista, assim como a inauguração de sua autonomia teórica e política no contexto dos feminismos ocidentais. Defendendo o lesbianismo como uma expressão radical e vanguarda do feminismo, foi escrito originalmente para denunciar a segregação e invisibilização que as lésbicas sofriam no movimento de mulheres, no qual sempre estiveram presentes e trabalhando, mas no qual até então não vinham sendo contempladas. O grupo autor do libelo se auto-titulava The Lavender Menace (A Ameaça Violeta), em referência a uma frase da feminista Betty Friedan então presidente da National Organization for Women (Organização Nacional de Mulheres, conhecido pela sigla NOW), onde nomeou às lésbicas como uma ameaça ao movimento de mulheres. As lésbicas, não sendo convidadas ao congresso da NOW, o invadiram e difundiram o manifesto que convoca o movimento de mulheres a pensar, discutir e considerar as questões das lésbicas, e às lésbicas a formar um movimento independente.

A Mulher que se Identifica com a Mulher

RADICALESBIANS

O que é uma lésbica? Uma lésbica é a fúria de todas as mulheres condensada até ao ponto de explosão. Ela é a mulher que, muitas vezes numa idade muito jovem, começa a atuar de acordo com a sua necessidade compulsiva de ser um ser humano mais completo e livre que - talvez então, mas certamente mais tarde - a sociedade onde vive a deixa ser.

Estas necessidades e ações ao longo dos anos conduzem-na a um conflito doloroso com as pessoas, situações, formas aceitáveis de pensar, de sentir e de comportamento, até se encontrar num estado de guerra permanente com tudo à sua volta e geralmente também com ela própria. Pode não estar totalmente consciente das implicações políticas do que para ela começou como necessidade pessoal, mas num dado plano não

1

A Mulher que se Identifica com a Mulher

RADICALESBIANS

O que é uma lésbica? Uma lésbica é a fúria de todas as mulheres condensada até ao ponto de explosão. Ela é a mulher que, muitas vezes numa idade muito jovem, começa a atuar de acordo com a sua necessidade compulsiva de ser um ser humano mais completo e livre que - talvez então, mas certamente mais tarde - a sociedade onde vive a deixa ser.

Estas necessidades e ações ao longo dos anos conduzem-na a um conflito doloroso com as pessoas, situações, formas aceitáveis de pensar, de sentir e de comportamento, até se encontrar num estado de guerra permanente com tudo à sua volta e geralmente também com ela própria. Pode não estar totalmente consciente das implicações políticas do que para ela começou como necessidade pessoal, mas num dado plano não

1

*The Woman-Identified Woman, 1970, RADICALESBIANS.
Ilustrações de capa e contra-capas por Jan (@furiosaarte no instagram).
Editado em Julho de 2018 em São Paulo, SP.*

*The Woman-Identified Woman, 1970, RADICALESBIANS.
Ilustrações de capa e contra-capas por Jan (@furiosaarte no instagram).
Editado em Julho de 2018 em São Paulo, SP.*

uma autenticidade, sentimos finalmente que estamos de acordo conosco. Dentro desse ser real, com essa consciência, começamos uma revolução para acabar com a imposição de todas as identificações coercivas e para atingir o máximo de autonomia na expressão humana.

17

foi capaz de aceitar as limitações e a opressão imposta pelo papel mais básico da sua sociedade - o papel de mulher.

O turbilhão que ela sente, tende a induzir uma culpa proporcional ao grau em que ela sente não estar de acordo com as expectativas sociais, e/ou eventualmente condu-la ao questionar e à análise do que o resto da sua sociedade mais ou menos aceita. Ela é forçada a desenvolver o seu próprio padrão de vida, muitas vezes vivendo grande parte da sua vida sozinha, aprendendo geralmente mais cedo que as suas irmãs heterossexuais acerca da solidão essencial da vida (que o mito do casamento esconde) e acerca da realidade das ilusões.

Enquanto não conseguir expelir a pesada socialização que implica o ser mulher, nunca conseguirá estar em paz consigo própria. Porque ela se encontra entre a aceitação da visão que a sociedade tem dela - e nesse caso não se aceita a ela própria - e a compreensão do que esta sociedade

2

uma autenticidade, sentimos finalmente que estamos de acordo conosco. Dentro desse ser real, com essa consciência, começamos uma revolução para acabar com a imposição de todas as identificações coercivas e para atingir o máximo de autonomia na expressão humana.

17

foi capaz de aceitar as limitações e a opressão imposta pelo papel mais básico da sua sociedade - o papel de mulher.

O turbilhão que ela sente, tende a induzir uma culpa proporcional ao grau em que ela sente não estar de acordo com as expectativas sociais, e/ou eventualmente condu-la ao questionar e à análise do que o resto da sua sociedade mais ou menos aceita. Ela é forçada a desenvolver o seu próprio padrão de vida, muitas vezes vivendo grande parte da sua vida sozinha, aprendendo geralmente mais cedo que as suas irmãs heterossexuais acerca da solidão essencial da vida (que o mito do casamento esconde) e acerca da realidade das ilusões.

Enquanto não conseguir expelir a pesada socialização que implica o ser mulher, nunca conseguirá estar em paz consigo própria. Porque ela se encontra entre a aceitação da visão que a sociedade tem dela - e nesse caso não se aceita a ela própria - e a compreensão do que esta sociedade

2

sexista fez por ela e porque é funcional e necessário fazê-lo. Aquelas de entre nós que meditamos e tiramos conclusões sobre isso, nos encontramos do outro lado de uma viagem tortuosa através da noite que pode ter durado décadas. A perspectiva que se ganha dessa viagem, a libertação interior do nosso ser, a paz interior, o amor real por nós próprias e por todas as mulheres, é algo a ser compartilhado com todas as mulheres - porque somos todas mulheres.

Deverá ser compreendido em primeiro lugar que o lesbianismo, tal como a homossexualidade masculina é uma categoria de comportamento possível apenas numa sociedade sexista, caracterizada por papéis sexuais rígidos e dominada pela supremacia do homem. Esses papéis sexuais desumanizam a mulher, definindo-nos como uma casta de apoio/serviço em relação à classe dominante dos homens e tornam os homens inválidos emocionais ao lhes exigir que sejam alienados dos seus próprios corpos e emoções de modo a executar eficientemente as

3

tentar fazer um “homem novo” dele, na ilusão que isto nos permitirá ser uma “mulher nova”. Isto obviamente divide as nossas energias e compromissos, deixando-nos incapazes de nos comprometer com a construção de novos padrões que nos libertarão.

É a primazia das mulheres a se relacionarem com outras mulheres, das mulheres a criarem uma nova consciência delas umas com as outras, que está no centro da libertação das mulheres, e que é a base para a revolução cultural. Juntas devemos encontrar, reforçar e validar os nossos seres autênticos. Quando o fazemos confirmamos umas com as outras o nosso sentido incipiente de orgulho e força, as barreiras de divisão começam a desaparecer, e sentimos este sentimento crescente de solidariedade com as nossas irmãs. Vemo-nos como princípio, encontramos os nossos centros dentro de nós. Vemos regredir o sentimento de alienação, de ser posta de parte, de estar por detrás de uma janela fechada, de ser incapaz de fazer sair o que nós sabemos que se encontra cá dentro. Sentimos

16

sexista fez por ela e porque é funcional e necessário fazê-lo. Aquelas de entre nós que meditamos e tiramos conclusões sobre isso, nos encontramos do outro lado de uma viagem tortuosa através da noite que pode ter durado décadas. A perspectiva que se ganha dessa viagem, a libertação interior do nosso ser, a paz interior, o amor real por nós próprias e por todas as mulheres, é algo a ser compartilhado com todas as mulheres - porque somos todas mulheres.

Deverá ser compreendido em primeiro lugar que o lesbianismo, tal como a homossexualidade masculina é uma categoria de comportamento possível apenas numa sociedade sexista, caracterizada por papéis sexuais rígidos e dominada pela supremacia do homem. Esses papéis sexuais desumanizam a mulher, definindo-nos como uma casta de apoio/serviço em relação à classe dominante dos homens e tornam os homens inválidos emocionais ao lhes exigir que sejam alienados dos seus próprios corpos e emoções de modo a executar eficientemente as

3

tentar fazer um “homem novo” dele, na ilusão que isto nos permitirá ser uma “mulher nova”. Isto obviamente divide as nossas energias e compromissos, deixando-nos incapazes de nos comprometer com a construção de novos padrões que nos libertarão.

É a primazia das mulheres a se relacionarem com outras mulheres, das mulheres a criarem uma nova consciência delas umas com as outras, que está no centro da libertação das mulheres, e que é a base para a revolução cultural. Juntas devemos encontrar, reforçar e validar os nossos seres autênticos. Quando o fazemos confirmamos umas com as outras o nosso sentido incipiente de orgulho e força, as barreiras de divisão começam a desaparecer, e sentimos este sentimento crescente de solidariedade com as nossas irmãs. Vemo-nos como princípio, encontramos os nossos centros dentro de nós. Vemos regredir o sentimento de alienação, de ser posta de parte, de estar por detrás de uma janela fechada, de ser incapaz de fazer sair o que nós sabemos que se encontra cá dentro. Sentimos

16

ser “feminina” e ser uma pessoa no seu todo são irreconciliáveis. Apenas as mulheres podem dar umas às outras um novo sentido do ser. Essa identidade tem que ser desenvolvida tendo por referência nós e não os homens. Esta consciência é a força revolucionária a partir da qual tudo o resto sairá, porque a nossa revolução é orgânica. Para isto devemos apoiar e estar disponíveis umas para as outras, dar o nosso amor e compromisso, dar o suporte emocional necessário para manter este movimento.

As nossas energias devem fluir na direção das nossas irmãs e não na direção dos nossos opressores. Enquanto a libertação das mulheres tentar libertar as mulheres sem encarar a estrutura básica heterossexual que nos liga numa relação um para um com os nossos próprios opressores, energias tremendas continuarão a fluir na direção de tentar endireitar cada relação particular com um dado homem, como conseguir ter melhor sexo, como fazer com que a cabeça dele se vire ao contrário - para

15

suas funções econômicas/políticas/militares. A homossexualidade é um produto secundário de uma forma particular de definir papéis (ou padrões aprovados de comportamento) com base no sexo. E como tal é uma categoria inautêntica (que não está de acordo com a “realidade”).

Numa sociedade em que os homens não oprimissem as mulheres, e em que fosse permitido à expressão sexual seguir os sentimentos, as categorias de homossexualidade e heterossexualidade iriam desaparecer.

Mas o lesbianismo é também diferente da homossexualidade masculina e tem uma função diferente na sociedade. “Sapatão” é uma forma depreciativa diferente de “viado”, embora ambos impliquem que não se está a atuar de acordo com o papel sexual socialmente atribuído - que não se é uma “verdadeira mulher” ou “verdadeiro homem”. A admiração invejosa que se sente pela caminhoneira e o sentimento de mal-estar provocado por um rapaz afeminado apontam para a mesma coisa: o desprezo com

4

ser “feminina” e ser uma pessoa no seu todo são irreconciliáveis. Apenas as mulheres podem dar umas às outras um novo sentido do ser. Essa identidade tem que ser desenvolvida tendo por referência nós e não os homens. Esta consciência é a força revolucionária a partir da qual tudo o resto sairá, porque a nossa revolução é orgânica. Para isto devemos apoiar e estar disponíveis umas para as outras, dar o nosso amor e compromisso, dar o suporte emocional necessário para manter este movimento.

As nossas energias devem fluir na direção das nossas irmãs e não na direção dos nossos opressores. Enquanto a libertação das mulheres tentar libertar as mulheres sem encarar a estrutura básica heterossexual que nos liga numa relação um para um com os nossos próprios opressores, energias tremendas continuarão a fluir na direção de tentar endireitar cada relação particular com um dado homem, como conseguir ter melhor sexo, como fazer com que a cabeça dele se vire ao contrário - para

15

suas funções econômicas/políticas/militares. A homossexualidade é um produto secundário de uma forma particular de definir papéis (ou padrões aprovados de comportamento) com base no sexo. E como tal é uma categoria inautêntica (que não está de acordo com a “realidade”).

Numa sociedade em que os homens não oprimissem as mulheres, e em que fosse permitido à expressão sexual seguir os sentimentos, as categorias de homossexualidade e heterossexualidade iriam desaparecer.

Mas o lesbianismo é também diferente da homossexualidade masculina e tem uma função diferente na sociedade. “Sapatão” é uma forma depreciativa diferente de “viado”, embora ambos impliquem que não se está a atuar de acordo com o papel sexual socialmente atribuído - que não se é uma “verdadeira mulher” ou “verdadeiro homem”. A admiração invejosa que se sente pela caminhoneira e o sentimento de mal-estar provocado por um rapaz afeminado apontam para a mesma coisa: o desprezo com

4

que são encaradas as mulheres - ou aqueles que desempenham o papel feminino. E o investimento feito para manter as mulheres nesse papel desprezível é muito grande.

Lésbica é a palavra, a etiqueta, a condição que mantém as mulheres na linha. Quando uma mulher ouve esta palavra ser lançada na sua direção, sabe que está a pisar o risco. Sabe que atravessou a terrível fronteira do seu papel sexual. Recua, protesta, reformula as suas ações para receber aprovação. Lésbica é uma etiqueta inventada pelo homem para atirar a qualquer mulher que queira ser sua igual, que tenha a audácia de desafiar as prerrogativas dos homens (incluindo a prerrogativa de todas as mulheres serem usadas como moeda de troca entre os homens), que tem a audácia de afirmar a primazia das suas próprias necessidades.

Ter esta etiqueta aplicada a pessoas que estão ativas no movimento de libertação das mulheres, é apenas o episódio mais recente de uma longa

5

dades e tornando-a estranha às outras mulheres. As mulheres odeiam-se a elas e às outras mulheres. Tentam escapar ao se identificar com o opressor, vivendo através dele, ganhando status e identidade a partir do seu ego, do seu poder dos seus feitos. E através de uma não identificação com outros “recipientes vazios” como elas próprias, as mulheres resistem relacionando-se a todos os níveis com outras mulheres que irão refletir a sua própria opressão, o seu estado secundário e o seu próprio auto ódio. Pois confrontar outra mulher é finalmente confrontar o seu próprio ser - o ser que se tentou tão dificilmente evitar. E nesse espelho sabemos que não podemos realmente respeitar e amar aquela em que nos tornamos.

Uma vez que a fonte do auto ódio e a falta de verdadeiro ser tem origem na identidade que nos é dada pelos homens, devemos criar um novo sentido de ser. Enquanto nos agarrarmos à ideia de “ser uma mulher”, sentiremos algum conflito com esse ser incipiente, esse sentido do eu, esse sentido da pessoa total. É muito difícil compreender e aceitar que

14

que são encaradas as mulheres - ou aqueles que desempenham o papel feminino. E o investimento feito para manter as mulheres nesse papel desprezível é muito grande.

Lésbica é a palavra, a etiqueta, a condição que mantém as mulheres na linha. Quando uma mulher ouve esta palavra ser lançada na sua direção, sabe que está a pisar o risco. Sabe que atravessou a terrível fronteira do seu papel sexual. Recua, protesta, reformula as suas ações para receber aprovação. Lésbica é uma etiqueta inventada pelo homem para atirar a qualquer mulher que queira ser sua igual, que tenha a audácia de desafiar as prerrogativas dos homens (incluindo a prerrogativa de todas as mulheres serem usadas como moeda de troca entre os homens), que tem a audácia de afirmar a primazia das suas próprias necessidades.

Ter esta etiqueta aplicada a pessoas que estão ativas no movimento de libertação das mulheres, é apenas o episódio mais recente de uma longa

5

dades e tornando-a estranha às outras mulheres. As mulheres odeiam-se a elas e às outras mulheres. Tentam escapar ao se identificar com o opressor, vivendo através dele, ganhando status e identidade a partir do seu ego, do seu poder dos seus feitos. E através de uma não identificação com outros “recipientes vazios” como elas próprias, as mulheres resistem relacionando-se a todos os níveis com outras mulheres que irão refletir a sua própria opressão, o seu estado secundário e o seu próprio auto ódio. Pois confrontar outra mulher é finalmente confrontar o seu próprio ser - o ser que se tentou tão dificilmente evitar. E nesse espelho sabemos que não podemos realmente respeitar e amar aquela em que nos tornamos.

Uma vez que a fonte do auto ódio e a falta de verdadeiro ser tem origem na identidade que nos é dada pelos homens, devemos criar um novo sentido de ser. Enquanto nos agarrarmos à ideia de “ser uma mulher”, sentiremos algum conflito com esse ser incipiente, esse sentido do eu, esse sentido da pessoa total. É muito difícil compreender e aceitar que

14

dos nossos verdadeiros seres; ele confirma o nosso estatuto de mulher - tal como ele o define, em relação a ele - mas não pode confirmar o nosso estatuto de pessoa, os nossos seres como absolutos.

Enquanto estivermos dependentes da cultura dos homens, para esta aprovação, não podemos ser livres. A consequência de interiorizar este papel é um enorme reservatório de auto ódio. Isto não corresponde a dizer que este auto ódio é reconhecido ou aceite como tal; com efeito muitas mulheres negá-lo-ão. Pode ser experimentado como desconforto com o seu papel, sentimento de vazio, entorpecimento, desassossego, uma ansiedade paralisante. Alternativamente, pode ser expresso através de uma grande defesa do destino e da glória do seu papel.

Mas este auto ódio existe, muitas vezes no inconsciente, envenenando a sua existência, mantendo-a alienada de ela própria, das suas necessi-

13

história; as mulheres mais velhas lembrar-se-ão que não há muito tempo, qualquer mulher independente que tivesse sucesso e não orientasse toda a sua vida à volta de um homem ouviria esta palavra. Porque nesta sociedade sexista, ser independente para uma mulher significa que esta não pode ser uma mulher, deve ser uma “sapatão”. Isto em si deveria dizer-nos em que pé as mulheres se encontram. Diz tão claramente quanto pode ser dito: mulheres e pessoa são termos contraditórios. Porque uma lésbica não é considerada uma “verdadeira mulher”. E, contudo, no pensamento popular, existe apenas uma diferença essencial entre uma lésbica e as outras mulheres: a orientação sexual - ou seja, depois de se retirar o papel de embrulho, deveremos finalmente compreender que a essência de ser “mulher” é ser fodida por um homem.

“Lésbica” é uma das categorias sexuais em que os homens dividiram a humanidade. Enquanto que todas as mulheres são desumanizadas sendo encaradas como objetos sexuais, ao serem objetos dos homens são-lhes

6

dos nossos verdadeiros seres; ele confirma o nosso estatuto de mulher - tal como ele o define, em relação a ele - mas não pode confirmar o nosso estatuto de pessoa, os nossos seres como absolutos.

Enquanto estivermos dependentes da cultura dos homens, para esta aprovação, não podemos ser livres. A consequência de interiorizar este papel é um enorme reservatório de auto ódio. Isto não corresponde a dizer que este auto ódio é reconhecido ou aceite como tal; com efeito muitas mulheres negá-lo-ão. Pode ser experimentado como desconforto com o seu papel, sentimento de vazio, entorpecimento, desassossego, uma ansiedade paralisante. Alternativamente, pode ser expresso através de uma grande defesa do destino e da glória do seu papel.

Mas este auto ódio existe, muitas vezes no inconsciente, envenenando a sua existência, mantendo-a alienada de ela própria, das suas necessi-

13

história; as mulheres mais velhas lembrar-se-ão que não há muito tempo, qualquer mulher independente que tivesse sucesso e não orientasse toda a sua vida à volta de um homem ouviria esta palavra. Porque nesta sociedade sexista, ser independente para uma mulher significa que esta não pode ser uma mulher, deve ser uma “sapatão”. Isto em si deveria dizer-nos em que pé as mulheres se encontram. Diz tão claramente quanto pode ser dito: mulheres e pessoa são termos contraditórios. Porque uma lésbica não é considerada uma “verdadeira mulher”. E, contudo, no pensamento popular, existe apenas uma diferença essencial entre uma lésbica e as outras mulheres: a orientação sexual - ou seja, depois de se retirar o papel de embrulho, deveremos finalmente compreender que a essência de ser “mulher” é ser fodida por um homem.

“Lésbica” é uma das categorias sexuais em que os homens dividiram a humanidade. Enquanto que todas as mulheres são desumanizadas sendo encaradas como objetos sexuais, ao serem objetos dos homens são-lhes

6

oferecidas algumas compensações: identificação com o seu poder, o seu ego, o seu status, a sua proteção (dos outros homens), sentir-se como uma “mulher verdadeira”, encontrar uma aceitação social ao aderir ao seu papel, etc. Se uma mulher se confrontar com ela própria ao confrontar outra mulher, existirão menos racionalizações e menos tapões para evitar o horror total da sua condição desumanizada. Aqui encontramos o medo inultrapassável de muitas mulheres em relação a explorar relações íntimas com outras mulheres: o medo de ser usada como objeto sexual por outra mulher, que não só não dará as compensações ligadas aos homens, mas que também revelará o vazio que é verdadeiramente a situação real da mulher.

Esta desumanização é expressa quando uma mulher heterossexual descobre que a sua irmã é lésbica; ela começa a relacionar-se com a sua irmã lésbica como sendo um potencial objeto sexual atribuindo o papel de substituto do homem à lésbica. O fato de ela se tornar num objeto

7

oferecidas algumas compensações: identificação com o seu poder, o seu ego, o seu status, a sua proteção (dos outros homens), sentir-se como uma “mulher verdadeira”, encontrar uma aceitação social ao aderir ao seu papel, etc. Se uma mulher se confrontar com ela própria ao confrontar outra mulher, existirão menos racionalizações e menos tapões para evitar o horror total da sua condição desumanizada. Aqui encontramos o medo inultrapassável de muitas mulheres em relação a explorar relações íntimas com outras mulheres: o medo de ser usada como objeto sexual por outra mulher, que não só não dará as compensações ligadas aos homens, mas que também revelará o vazio que é verdadeiramente a situação real da mulher.

Esta desumanização é expressa quando uma mulher heterossexual descobre que a sua irmã é lésbica; ela começa a relacionar-se com a sua irmã lésbica como sendo um potencial objeto sexual atribuindo o papel de substituto do homem à lésbica. O fato de ela se tornar num objeto

7

Mas porque é que as mulheres se relacionam com e através dos homens? Em virtude de termos sido educadas numa sociedade de homens, interiorizamos a definição que a cultura dos homens dá de nós próprias. Essa definição vê-nos como seres relativos que existem não para nós próprias, mas sim para o serviço, manutenção e conforto dos homens. Essa definição confina-nos em funções sexuais e de família e exclui-nos de definir e elaborar os termos das nossas vidas. Em troca dos nossos serviços psíquicos e da execução de funções não lucrativas, o homem dá-nos apenas uma coisa: o estado de escrava que nos torna legítima aos olhos da sociedade em que vivemos. A isto dá-se o nome no calão cultural a “feminilidade” ou “ser uma mulher verdadeira”. Nós somos autênticas, legítimas, reais, se formos propriedade de algum homem cujo nome usamos. Ser uma mulher que não pertence a qualquer homem é ser invisível, patética, inautêntica, irreal. Ele confirma a sua imagem de nós - de aquilo que temos de ser de modo a ser aceitável por ele - mas não

12

Mas porque é que as mulheres se relacionam com e através dos homens? Em virtude de termos sido educadas numa sociedade de homens, interiorizamos a definição que a cultura dos homens dá de nós próprias. Essa definição vê-nos como seres relativos que existem não para nós próprias, mas sim para o serviço, manutenção e conforto dos homens. Essa definição confina-nos em funções sexuais e de família e exclui-nos de definir e elaborar os termos das nossas vidas. Em troca dos nossos serviços psíquicos e da execução de funções não lucrativas, o homem dá-nos apenas uma coisa: o estado de escrava que nos torna legítima aos olhos da sociedade em que vivemos. A isto dá-se o nome no calão cultural a “feminilidade” ou “ser uma mulher verdadeira”. Nós somos autênticas, legítimas, reais, se formos propriedade de algum homem cujo nome usamos. Ser uma mulher que não pertence a qualquer homem é ser invisível, patética, inautêntica, irreal. Ele confirma a sua imagem de nós - de aquilo que temos de ser de modo a ser aceitável por ele - mas não

12

agora apenas como uma “alternativa” sexual aos homens. Contudo, isto é ainda dar a primazia aos homens, tanto porque a ideia de se relacionar mais completamente com as mulheres ocorre como uma reação negativa aos homens como porque a relação lésbica está a ser caracterizada apenas pelo sexo, o que é divisionista e sexista.

Num plano que é tanto pessoal como político, as mulheres podem retirar energias emocionais e sexuais dos homens e desenvolver diversas alternativas nas suas vidas para essas energias. Noutra plano político/psicológico diferente, deverá ser compreendido que o que é crucial é que as mulheres se comecem a libertar dos padrões de resposta definidos pelos homens. Na privacidade das nossas próprias psiques, devemos cortar esses cordões até ao cerne. Porque independentemente de para onde fluem o nosso amor e energias sexuais, se nas nossas cabeças nos identificamos com os homens, não podemos realizar a nossa autonomia como seres humanos.

11

quando numa relação está potencialmente envolvido sexo, revela o seu condicionamento heterossexual e nega à lésbica toda a sua humanidade. Para as mulheres, especialmente aquelas envolvidas no movimento, aperceber-se das suas irmãs lésbicas através desta grelha machista de definição de papéis, é aceitar este condicionamento cultural dos homens e oprimir as suas irmãs da mesma maneira que elas próprias são oprimidas pelos homens.

Vamos continuar com o sistema de classificação dos homens, que define todas as mulheres numa relação sexual com qualquer outra categoria de pessoas? Afixar a etiqueta de lésbica não apenas a uma mulher que aspira a ser uma pessoa, mas também a qualquer situação de verdadeiro amor, verdadeira solidariedade, verdadeira primazia entre as mulheres é uma forma primária de divisão entre as mulheres dentro dos limites do papel feminino e é o termo que ridiculariza/assusta as mulheres e que as impede de formar quaisquer ligações, grupos ou associações primárias

8

agora apenas como uma “alternativa” sexual aos homens. Contudo, isto é ainda dar a primazia aos homens, tanto porque a ideia de se relacionar mais completamente com as mulheres ocorre como uma reação negativa aos homens como porque a relação lésbica está a ser caracterizada apenas pelo sexo, o que é divisionista e sexista.

Num plano que é tanto pessoal como político, as mulheres podem retirar energias emocionais e sexuais dos homens e desenvolver diversas alternativas nas suas vidas para essas energias. Noutra plano político/psicológico diferente, deverá ser compreendido que o que é crucial é que as mulheres se comecem a libertar dos padrões de resposta definidos pelos homens. Na privacidade das nossas próprias psiques, devemos cortar esses cordões até ao cerne. Porque independentemente de para onde fluem o nosso amor e energias sexuais, se nas nossas cabeças nos identificamos com os homens, não podemos realizar a nossa autonomia como seres humanos.

11

quando numa relação está potencialmente envolvido sexo, revela o seu condicionamento heterossexual e nega à lésbica toda a sua humanidade. Para as mulheres, especialmente aquelas envolvidas no movimento, aperceber-se das suas irmãs lésbicas através desta grelha machista de definição de papéis, é aceitar este condicionamento cultural dos homens e oprimir as suas irmãs da mesma maneira que elas próprias são oprimidas pelos homens.

Vamos continuar com o sistema de classificação dos homens, que define todas as mulheres numa relação sexual com qualquer outra categoria de pessoas? Afixar a etiqueta de lésbica não apenas a uma mulher que aspira a ser uma pessoa, mas também a qualquer situação de verdadeiro amor, verdadeira solidariedade, verdadeira primazia entre as mulheres é uma forma primária de divisão entre as mulheres dentro dos limites do papel feminino e é o termo que ridiculariza/assusta as mulheres e que as impede de formar quaisquer ligações, grupos ou associações primárias

8

entre elas.

As mulheres no movimento têm numa maioria dos casos, feito grandes esforços para evitar discussões e confrontações sobre a questão do lesbianismo. Põe as pessoas nervosas. Elas ficam hostis, evasivas, ou tentam incorporar o assunto num “tema mais geral”. Preferem não falar no assunto. Se o tem de fazer, tentam impedir que se continue por ser um falso problema. Mas não é uma questão secundária. É absolutamente essencial para o sucesso e o atingir dos objetivos do movimento de libertação das mulheres que se lide com esta questão.

Enquanto a etiqueta de “sapatão” puder ser usada para assustar as mulheres para que estas se tornem menos militantes, se mantenha afastadas das suas irmãs, para afastá-las de dar primazia a tudo o que não seja os homens e família - então desse modo elas são controladas pela cultura dos homens.

9

Até as mulheres conseguirem ver umas nas outras a possibilidade de um compromisso primordial que inclui o amor sexual, estarão a negar a elas próprias o amor e o valor que dão inerentemente aos homens, afirmando desse modo o seu estatuto de segunda classe. Enquanto que o mais importante seja a aceitação pelos homens - tanto para as mulheres individuais como para o movimento como um todo - o termo lésbica será usado eficazmente contra as mulheres. Enquanto as mulheres quiserem apenas mais privilégios dentro do sistema, não querem antagonizar o poder dos homens. Em vez disso procuram uma aceitação da libertação das mulheres e o aspecto mais crucial desta aceitação é negar o lesbianismo - isto é negar qualquer desafio fundamental à base do papel da mulher.

Deverá igualmente ser dito que algumas mulheres mais jovens e mais radicais começaram a discutir o lesbianismo com honestidade, mas até

10

entre elas.

As mulheres no movimento têm numa maioria dos casos, feito grandes esforços para evitar discussões e confrontações sobre a questão do lesbianismo. Põe as pessoas nervosas. Elas ficam hostis, evasivas, ou tentam incorporar o assunto num “tema mais geral”. Preferem não falar no assunto. Se o tem de fazer, tentam impedir que se continue por ser um falso problema. Mas não é uma questão secundária. É absolutamente essencial para o sucesso e o atingir dos objetivos do movimento de libertação das mulheres que se lide com esta questão.

Enquanto a etiqueta de “sapatão” puder ser usada para assustar as mulheres para que estas se tornem menos militantes, se mantenha afastadas das suas irmãs, para afastá-las de dar primazia a tudo o que não seja os homens e família - então desse modo elas são controladas pela cultura dos homens.

9

Até as mulheres conseguirem ver umas nas outras a possibilidade de um compromisso primordial que inclui o amor sexual, estarão a negar a elas próprias o amor e o valor que dão inerentemente aos homens, afirmando desse modo o seu estatuto de segunda classe. Enquanto que o mais importante seja a aceitação pelos homens - tanto para as mulheres individuais como para o movimento como um todo - o termo lésbica será usado eficazmente contra as mulheres. Enquanto as mulheres quiserem apenas mais privilégios dentro do sistema, não querem antagonizar o poder dos homens. Em vez disso procuram uma aceitação da libertação das mulheres e o aspecto mais crucial desta aceitação é negar o lesbianismo - isto é negar qualquer desafio fundamental à base do papel da mulher.

Deverá igualmente ser dito que algumas mulheres mais jovens e mais radicais começaram a discutir o lesbianismo com honestidade, mas até

10